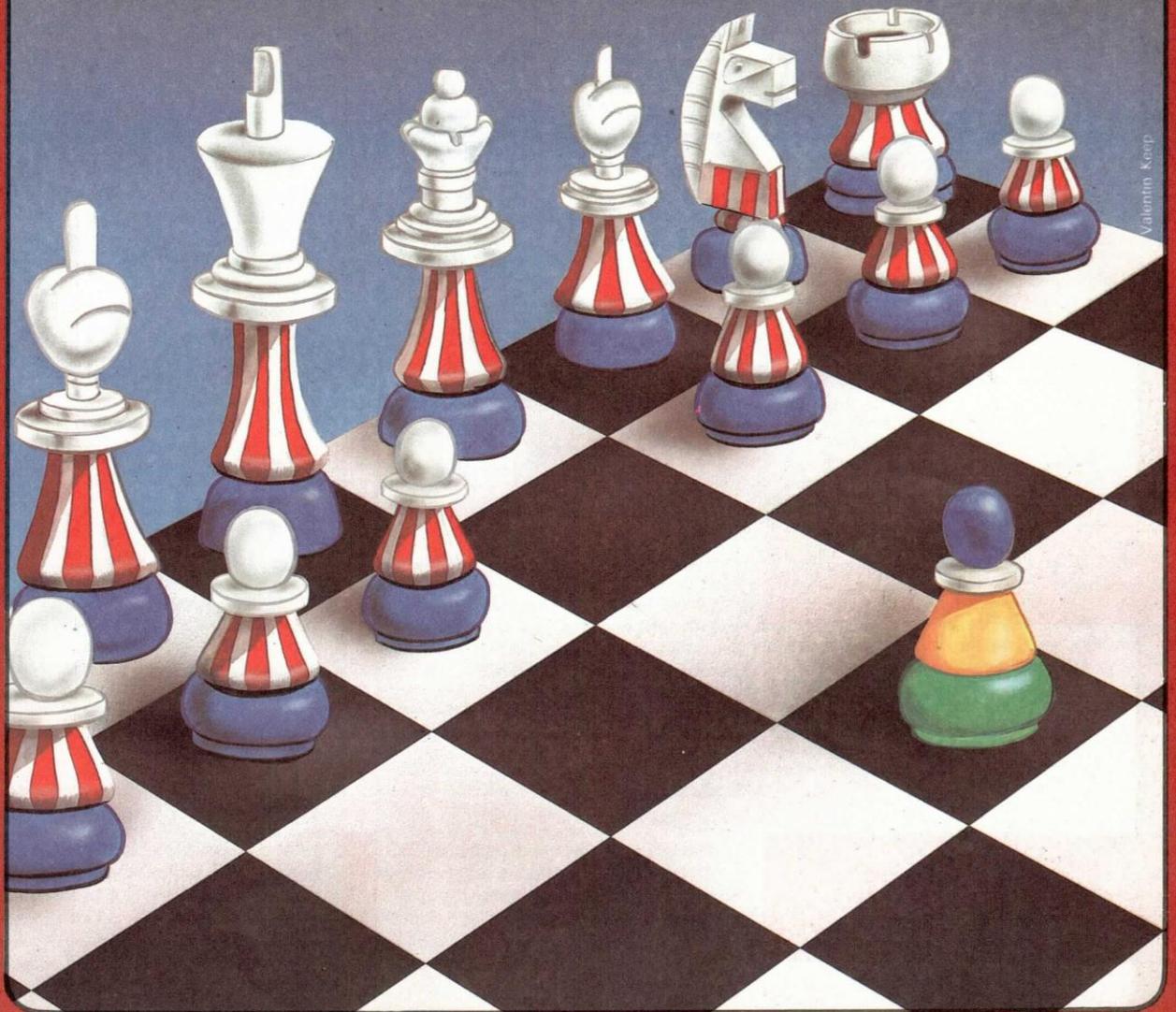


# O jogo da política

Para se entender os momentos mais importantes da nossa história republicana é preciso avaliar a participação de facções ou classes sociais envolvidas na trama política, isto é, a "correlação de forças". E analisar qual delas determina o rumo do processo.

Ao mesmo tempo, levar em conta a conjuntura local e internacional, uma vez que as potências mundiais têm sistematicamente um papel relevante na cena brasileira



# 1889

# 1930

## O GOVERNO

### Nem a elite aceita sucessor estrangeiro

A crise do escravismo tirou a base de sustentação da Monarquia; os favores do governo aos fazendeiros fluminenses e nordestinos levaram os cafeicultores paulistas à oposição; o impasse sucessório, devido ao casamento da princesa Isabel com um francês, agravou o quadro: o Império não resistiu.

### Cisão no poder desmancha *café com leite*

República Velha. Domina a política um acordo entre as oligarquias de São Paulo e Minas, que se revezam no poder. A crise econômica dificulta a acomodação dos interesses. Washington Luís impõe o paulista Júlio Prestes como sucessor, preterindo os mineiros. Desmorona o "café com leite".

## OS MILITARES

### Punições apressam a rebeldia do marechal

Após a Guerra do Paraguai, as Forças Armadas sofrem forte influência abolicionista e republicana. Vários pequenos atritos incompatibilizam a corporação com a Monarquia. As punições contra militares descontentes levam Benjamin Constant e outros líderes a apressar a derrubada do regime.

### Os tenentes estão treinados e divididos

A rebelião dos tenentes conturba a década de 20. É a revolta da pequena burguesia radical contra o domínio oligárquico. Seu ponto alto é a Coluna Prestes (1924-1926), que percorre o País. Em 1930, alguns chefes tenentistas, como Juarez Távora, têm papel decisivo na revolução que leva Getúlio ao poder.

## A ESQUERDA

### Influência pequena da ala radical

A ala radical do movimento republicano se apoiava nas camadas médias instruídas da população. Seus líderes (Silva Jardim, Luís Gama) chegavam a propor uma insurreição popular para livrar o País da escravidão e da Monarquia. Sua influência, porém, foi pequena: a República nasceria conservadora.

### Setor popular está por fora do processo

O Partido Comunista existe desde 1922, mas tem pouca influência. Em maio de 1930, o principal líder tenentista, Luís Carlos Prestes, anuncia, no exílio, sua adesão ao comunismo; recusa-se, porém, a participar da rebelião, que não lhe interessaria por ser uma luta entre duas correntes oligárquicas.

## AS POTÊNCIAS

### Inglêses ampliam interesses no País

A Inglaterra forçou a extinção do tráfico negreiro e apoiou a campanha abolicionista: buscava liberar capitais empregados na compra de escravos para dinamizar o comércio e ampliar o mercado para suas manufaturas. Iniciou também a construção de estradas de ferro para escoar a produção cafeeira.

### Império inglês vai cedendo o lugar

A influência inglesa era predominante no Brasil já no século XIX. Desde a Primeira Grande Guerra, porém, a Inglaterra está em declínio. Os Estados Unidos aproveitam para ganhar terreno. A General Electric americana, com grandes investimentos no Rio Grande do Sul, fornece 2 mil contos aos revolucionários.

# As datas dramáticas

## 1937

### Farsa de Getúlio aplasta dissidentes

O medo do comunismo é explorado pelo governo desde a frustrada insurreição de 1935. Getúlio guarda em segredo uma constituição ditatorial. O Plano Cohen, forjado pelo capitão integralista Olympio Mourão Filho e atribuído aos comunistas, anuncia uma sublevação iminente. É o pretexto para o golpe.

### Os tenentes já são pacatos generais

O tenentismo está dividido desde 1930: a ala esquerda aderiu ao comunismo; a ala direita – oligarquias dissidentes – sobe ao poder com a revolução e se recompõe com as oligarquias tradicionais. A cúpula militar, encabeçada pelos generais Góes Monteiro e Dutra, participa da farsa do Plano Cohen e dá sustentação ao golpe de Getúlio.

### PC está fora de cena: o levante fracassou

A influência do Partido Comunista cresceu muito. Em torno dele organizou-se a Aliança Nacional Libertadora, frente antiimperialista e democrática. Prestes é o principal líder. Em 1935, precipita-se a insurreição aliancista, que é derrotada. Duramente reprimido, o PC está desarticulado em 1937.

### Nazismo disputa hegemonia com EUA

A Alemanha nazista, em grande ofensiva comercial, disputa a hegemonia com os Estados Unidos. Oferece ao Brasil créditos a prazos mais longos que qualquer outro país para a importação de suas mercadorias. Após o golpe, os EUA tentam recuperar-se, conciliando com a moratória decretada por Vargas.

## 1945

### Vargas busca apoio de baixo, mas é golpeado

Com o fim da Segunda Grande Guerra, cresce no Brasil o movimento democrático, que conquista anistia, liberdade de imprensa e de organização partidária. Getúlio tem ainda apoio popular e tenta prolongar seu governo. Para contrabalançar a influência americana, aproxima-se da esquerda. Mais um pretexto para o golpe.

### Os generais estão com a cabeça nos EUA

Os generais da FEB (Força Expedicionária Brasileira) voltam da Europa empolgados com os Estados Unidos. Também o ministro da Guerra de Vargas, Góes Monteiro, está comprometido com os interesses americanos. Diante das posições nacionalistas de Getúlio, decide assumir as rédeas da transição e dá o golpe.

### PC cresce muito e apóia "queremismo"

O Partido Comunista fez campanha pela entrada do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo. Em 1945, conquista a legalidade e cresce vertiginosamente. Logo terá quase 200 mil militantes. Anistiado, Prestes propõe "Constituinte com Getúlio". Comunistas e trabalhistas apóiam Vargas: é o "queremismo".

### EUA mandam dólares e não querem Vargas

Os EUA tinham pressionado o Brasil a declarar guerra à Alemanha e a ceder bases navais. Getúlio só concordou em troca de favores e empréstimos, como US\$ 20 milhões para a Cia. Siderúrgica Nacional. Derrotado o Eixo, os americanos buscam a hegemonia. Vargas é um obstáculo: tem que ser removido.

## 1954

### Getúlio é tragado pelo "mar de lama"

De volta, Getúlio adota medidas nacionalistas (criação da Petrobrás) e populares (aumento de 100% no salário mínimo). A UDN, com Lacerda à frente, lidera a oposição. A campanha anti-Vargas está no auge: é acusado de corrupção. Lacerda sofre atentado. Juarez Távora e generais exigem a renúncia do presidente. Getúlio se suicida.

### Direita pró-EUA vence no Clube Militar

No Clube Militar havia vencido a chapa de direita, encabeçada pelo gen. Etchegoyen. Militares pró-americanos da Cruzada Democrática fazem oposição implacável aos nacionalistas. Radicalização na FAB, após atentado contra Lacerda. Generais preparam um golpe, frustrado pela morte de Getúlio.

### PC vacila: contra ou pró-Getúlio?

O Partido Comunista está na clandestinidade desde 1947. Em 1950, mudou sua tática política: nas eleições presidenciais propôs o voto em branco e perdeu bases para o PTB. Continua se opondo a Getúlio, a quem acusa de ser "agente do imperialismo americano". Depois do suicídio, revê essa posição.

### EUA boicotam e conspiram contra Vargas

Getúlio governa sob forte pressão americana: os EUA se opõem à Petrobrás; criam obstáculos à Eletrobrás; impõem acordo militar aviltante; respondem à valorização do café com boicote do produto; restringem empréstimos previamente acertados; conspiram com seus aliados internos pela deposição de Vargas.

Nas rupturas do passado houve três tipos de desfecho: 37 e 68 são momentos de consolidação de forças; 45 e 54 são golpes de preparação; 89, 30 e 64 são momentos de mudanças, saída que o País parecia trilhar em 84

## 1964

### Reformas instigam oposição conservadora

A direita não conseguiu impedir a posse de Goulart, mas obtém o parlamentarismo. No poder, Jango restaura o presidencialismo e tenta um governo nacionalista e de reformas sociais. Sofre forte oposição conservadora. A paralisação dos investimentos leva à crise. Jango acelera as reformas. É deposto.

### Sabos e sargentos unham com a revolução

Motim dos sargentos da Marinha e aeronáutica em Brasília (12/9/63), revolta dos marinheiros no Rio (26/3/64) e festa-comício na Associação dos Sargentos da Polícia carioca (30/3/64), com a presença de Jango, armam a cúpula militar. A agitação nas bases é a gota d'água: mesmo oficiais legalistas aderem ao golpe.

### TB se fortalece PC está rachado

As classes populares apóiam Jango: 10 milhões de votos contra 2 milhões a favor do presidencialismo. A esquerda agita as entidades operárias, camponesas, estudantis e militares (base). Trabalhistas, comunistas e católicos disputam a direção. O PC está rachado: a maioria crê na via pacífica.

### EUA financiam oposição a Jango

Os EUA ofereceram US\$ 130 milhões, mas exigiram ruptura com Cuba, liberdade de remessas de lucros, garantias para investimentos americanos, etc. Jango não cedeu. Washington financia governos estaduais de direita e entidades conspirativas (IBAD). Operação naval americana dá cobertura ao golpe.

## 1968

### O AI-5 consolida a ditadura militar

Os militares monopolizam o poder; até civis que participaram do golpe estão aliados, como Carlos Lacerda. A mobilização estudantil, os focos da luta armada contra o regime e a resistência da Câmara em suspender imunidades parlamentares são pretexto para o AI-5, que consolidará a ditadura.

### A direita domina e instaura-se o terror

Nacionalistas de extrema direita, sem força bastante para impor suas posições mantêm no entanto espaços e barganhas. Com tendência à radicalização, média oficialidade é mantida sob controle pelos altos oficiais. Está consolidado o poder militar e o regime assumé o caráter de uma ditadura que não hesita em praticar o terrorismo político.

### Divisão e luta armada na cidade

A esquerda está dividida e sob perseguição implacável do regime. O antigo Partido Comunista deu origem ao PCB (segue a via pacífica), PC do B (propõe a guerra popular e constrói base no campo), ALN (Aliança Libertadora Nacional) e outros grupos (praticam a guerrilha urbana). A AP (Ação Popular), de origem católica, também defende a guerra popular.

### O regime alinha-se plenamente com os EUA

Após 1964, o regime se alinhou totalmente com os EUA: revogou a lei de remessa de lucros, favoreceu os investimentos americanos e a absorção de empresas nacionais, participou da intervenção em São Domingos. A partir de 1969, o regime aprofunda ligações também com outros capitais (japonês, alemão, etc.).

## 1984

### Grupos se esfacelam na luta pelo poder

Inflação de 200% ao ano, dívida externa de US\$ 100 bilhões, 4 milhões de desempregados: o regime enfrenta enormes dificuldades. Encerrado o ciclo dos presidentes militares, quatro civis do partido governista disputam a sucessão. As oposições controlam dez governos estaduais e querem eleições diretas para a Presidência.

### Generais divididos na questão sucessória

Os militares estão divididos: nas eleições no Clube Militar, dissidentes e a oposição nacionalista-democrática obtêm mais de 30% dos votos. Na disputa pela sucessão, Médici apóia Maluf, Geisel apóia Aureliano. Figueiredo diz apoiar Andreazza, mas anuncia oficialmente seu desligamento da "coordenação" do processo sucessório.

### Organizações influem na área popular

Depois da derrota da luta armada, da repressão que sofreram e dos realinhamentos por que passaram, diversas organizações de esquerda continuam ilegais, sofrem atentados terroristas. Mas ganham terreno: têm influência nos meios operários, nas camadas médias e também vão chegando à organização no campo. Estão presentes em três partidos de oposição (PMDB, PT e PDT).

### Americanos buscam antigas posições

O regime prosseguiu com a política de diversificar as influências imperialistas no País, mas a crise levou a um momentâneo reforço da dependência externa: após empréstimo de emergência, o governo americano recorreu oficialmente ao FMI, que passou a ditar a política econômica brasileira; em julho deste ano, 74% das nossas exportações iam para os EUA.

## A escalada americana

Com o fim do predomínio inglês, os EUA emergem na cena internacional. Após a Segunda Grande Guerra, consolidam sua hegemonia. Porém, nos anos 80, essa posição é abalada pela crise e se anuncia um futuro incerto



1889

### Os últimos brilhos do esplendor inglês

A Inglaterra ainda era a potência hegemônica no mundo: conservava a condição de maior exportadora de capitais, controlando cerca de metade dos investimentos estrangeiros, e continuava no centro do comércio internacional, sendo responsável, até 1880, por 16,3% das exportações mundiais e 22,5% das importações (contra 11,7% e 7,4% dos EUA).

Mas o aspecto mais notável da supremacia inglesa era seu imenso império colonial, com quase 17 bilhões de quilômetros quadrados (contra quase 1 bilhão para os EUA e 1,6 bilhão a Alemanha), que englobava países como Canadá, Egito, Sudão, Rodésia, Bechuanalândia, Índia e Austrália, além das concessões na China.

Essa posição, porém, começaria a ser abalada já no final do século. Por volta de 1890, os EUA, logo seguidos pela Alemanha, ultrapassaram a Inglaterra na produção de ferro e aço e suas indústrias química, elétrica e automobilística passaram a crescer mais rapidamente do que as similares inglesas. Esses e outros países capitalistas de desenvolvimento mais recente também se lançariam à disputa, pelas colônias (começando pela partilha da África), que seria a principal fonte de tensões internacionais e acabaria levando à Primeira Guerra Mundial.

1930

### A arrancada dos EUA e a Grande Depressão

A economia que mais se favoreceu com a Primeira Guerra Mundial foi a americana. Enquanto o conflito devastava alguns países europeus, os EUA, afastados do palco da guerra por toda a extensão do oceano, se apossavam dos mercados das velhas potências, penetravam em suas áreas de investimentos e expandiam fantásticamente sua indústria. Antes da guerra, os EUA deviam US\$ 3 bilhões aos países europeus. Depois, haviam-se tornado credores dos mesmos em cerca de US\$ 11 bilhões.

Um índice dessa arrancada econômica é o aumento dos investimentos americanos na América Latina: nas três primeiras décadas do século, eles cresceram 12 vezes, enquanto os investimentos ingleses cresceram 2,8 vezes.

Essa rápida caminhada rumo à hegemonia mundial seria temporariamente obstaculizada pela Grande Depressão (1929-1932). A saturação do mercado, ao qual só tinham acesso as classes mais altas, aliada a fatores conjunturais, levou o país a uma crise catastrófica. Em outubro de 1929, o *crack* da Bolsa de Nova York evidenciava a crise. Em 1932, o número de desempregados chegava a 15 milhões. Nenhuma das grandes potências ocidentais escapou da crise que fez a produção industrial cair ao nível de 1908-1909.

1937

### Inquietantes sinais de um novo conflito

Às vésperas da Segunda Grande Guerra, o mundo capitalista estava sob o impacto da depressão: em 1939, os EUA continuavam com 9 milhões de desempregados e a Inglaterra com mais de 1 milhão. A produção industrial americana, adotando o índice 100 para 1929, havia chegado a 28 em 1932 e estava em 89 em 1937, mas voltaria a cair para 53 no ano seguinte. O comércio mundial entrara em colapso, devido principalmente às barreiras protecionistas.

Nos EUA, a política de *New Deal*, de Roosevelt, procurava superar a crise com um aumento da intervenção do Estado na economia, através sobretudo da geração de empregos por meio de grandes obras de infraestrutura. Na Alemanha, a crise levou à ascensão dos nazistas e ao rearmamento do país.

Frente à escalada nazista, as potências democráticas (EUA, Inglaterra, França) adotaram a política de contemporalização. Na Conferência de Munique, em setembro de 1938, Inglaterra e França autorizaram a anexação pela Alemanha de um quinto do território da Tchecoslováquia. A expectativa das grandes potências era dirigir o expansionismo alemão contra a URSS, para que do confronto resultasse a derrocada do regime soviético e uma Alemanha enfraquecida. Por seu lado, a URSS assinava, em 1939, um pacto de não-agressão com a Alemanha, retardando o seu envolvimento na guerra.

1945

### Do campo de batalha à "pax americana"

Mais uma vez, a economia americana se beneficiou enormemente com a guerra, que teve como centro a Europa. Ao contrário dos outros principais países envolvidos, a guerra não atingiu o território americano. Por outro lado, sua indústria, orientando a produção para o equipamento dos exércitos aliados, encontrou uma saída perfeita para a crise. Em 1945, com 7% da população mundial, os EUA concentravam 30% da renda.

O Plano Marshall, aplicado no pós-guerra, um esforço que ajudaria a recuperação da economia da Europa devastada, foi sobretudo fator de dinamização econômica para os EUA: os financiamentos aos países europeus foram destinados em grande parte à compra de produtos das próprias empresas americanas. Em 1948, os EUA detinham 71,3% das reservas mundiais de ouro e 23,8% das exportações dos países capitalistas. Essa posição hegemônica era reforçada pelo poderio militar com que os EUA saíram da guerra, que incluía o monopólio das armas nucleares.

Enquanto isso, a União Soviética, que emergia como a segunda potência, teve 20 milhões de mortos no conflito. Sua recuperação excepcionalmente rápida se baseou no esforço próprio (a URSS recusou-se a participar do Plano Marshall) e nas riquezas naturais do país.



1954

### O mundo sob o signo da guerra fria

A era de paz e cooperação, que muitos esperavam que se seguiria à vitória dos aliados, não resistiu até o final dos anos 40. Foi sendo substituída pela guerra fria entre as grandes potências (USA e URSS) e por guerras quentes localizadas. Em 1949, era criada a Otan, o bloco militar liderado pelos Estados Unidos, a que se contraporia, em 1955, o Pacto de Varsóvia, encabeçado pela União Soviética.

A primeira grande confrontação militar entre os dois campos ocorreria já em 1950, com a intervenção americana na Guerra da Coreia, revidada pela China, onde acabara de triunfar a revolução. O armistício de 1953 não pôs fim às tensões.

A guerra fria, radicalizada pela divisão da Alemanha, a crise coreana e a primeira bomba atômica soviética (em 1949) desencadearam nos EUA uma histeria anticomunista, liderada pelo senador McCarthy, que motivou perseguições a numerosos intelectuais.

Nesse quadro de bipolarização, porém, uma série de nações adquiriu sua independência, com a derrota do colonialismo francês na Indochina, a Guerra da Argélia; os regimes nacionalistas (Nasser no Egito, Sukarno na Indonésia, etc.) questionavam o domínio das potências. Em 1955, a Conferência de Bandung reunia 29 jovens países africanos e asiáticos.



1964

### Os primeiros reveses do império americano

No início dos anos 60, os EUA conservavam sua posição hegemônica a nível mundial. O Produto Nacional Bruto americano era de quase 600 bilhões de dólares, contra 240 bilhões para toda a Comunidade Econômica Européia. A supremacia americana, entretanto, começava a ser batida em alguns setores: em 1957, a União Soviética lançava o primeiro satélite artificial e, em 1961, colocava em órbita a primeira nave tripulada. O rumo tomado pela revolução cubana (1959) era a primeira grave ruptura do domínio dos EUA numa região que era considerada seu "quintal". Entretanto, o bloco encabeçado pela URSS também enfrentava problemas: em 1956, Khrushchev apresentava relatório secreto sobre os crimes de Stálin, abalando a unidade do movimento comunista. No mesmo ano, o Exército Vermelho reprimia a insurreição húngara.

A guerra fria entrava em sua fase explosiva, com a construção do muro de Berlim (1961), a crise dos mísseis soviéticos em Cuba e a escalada armamentista das duas superpotências. Em 1964, os EUA iniciavam sua intervenção no Vietnã.

Dois importantes fatos, porém, se contrapunham à bipolarização do mundo: a tentativa de integração européia, liderada pela França de De Gaulle, com a criação do Mercado Comum, em 1959; e o rompimento aberto da China com a União Soviética, em 1960.



1968

### O ano da contestação em todas as frentes

1968 foi o ano em que o sistema de dominação mundial pareceu abalado por movimentos revolucionários e contestadores. No Vietnã, a Frente de Libertação Nacional e o Exército norte-vietnamita lançavam a maior ofensiva desde o início da guerra, atacando Saigon e outras cidades importantes. Na China, foi o auge da chamada "Revolução Cultural", vasta campanha de massas contra os dirigentes acusados de seguir o caminho capitalista.

Nos Estados Unidos, pela primeira vez um amplo setor da opinião pública se colocava contra o envolvimento de seu país numa guerra e realizava gigantescas manifestações. Estas se somavam à radicalização do movimento negro e a outros movimentos de contestação.

Na França, a revolta estudantil se generalizou, assumiu reivindicações abertamente políticas e obteve adesões fora do movimento. Em 22 de maio, havia 9 milhões de pessoas em greve e De Gaulle teve que recorrer ao Exército para conter o movimento.

O bloco soviético também foi sacudido com a "Primavera de Praga", processo reformista conduzido pela nova direção do PC tchecoslovaco com grande apoio da população, reprimida pela invasão do país por tropas do Pacto de Varsóvia.



1984

### A crise mundial e o futuro incerto

Apesar de uma certa recuperação, o mundo capitalista continuava, em 1984, em grave crise econômica. Nos Estados Unidos, cuja gigantesca economia continuava sendo a primeira do planeta, com um Produto Nacional Bruto da ordem de 3 trilhões de dólares (contra 1,5 trilhões para a URSS), o número de desempregados era ainda de 9 milhões. Exceto o Japão, todos os países capitalistas desenvolvidos passavam por dificuldades semelhantes. O peso maior da crise, entretanto, caía sobre os países dependentes, cujo endividamento externo caminhava para 1 trilhão de dólares, sem perspectiva de recuperação imediata para suas frágeis economias.

No plano geopolítico, o poderio americano havia sofrido duas sérias derrotas, em 1979, com as revoluções iraniana e nicaraguense, ambas com forte repercussão regional, ao mesmo tempo que aumentava o peso global da União Soviética, com a invasão do Afeganistão e a conquista de influência em áreas estratégicas como a Etiópia e o Iêmen do Sul. A agressiva administração Reagan procurou recuperar a ofensiva, levando a uma nova deterioração das relações entre as superpotências, agravada pela determinação americana em instalar mísseis nucleares na Europa.

Joca/Sueji